



APOIO



Sicredi

JUCA CARROCEIRO

Na simplicidade e sabedoria da e com a terra

IOLANDA GARCIA
RODNEY GARCIA

O sonhador e os vendedores de ilusões

José Gerson da Silva, natural de Ponte Nova, pequeno povoado mineiro, nasceu em 21/11/1942. Ainda garoto, acompanhou os pais, José Miguel da Silva e Edir Ferreira da Silva, e mais dezessete irmãos, para a minúscula cidade capixaba de Boa Esperança. Lá, conheceu e casou-se com Maria da Penha, sua companheira a cinquenta e três anos.

Dois anos após o casamento, ficou sabendo das ‘maravilhas’ que era o solo tangaraense, através de pessoas que vieram abrir terra por essas redondezas: “lá, contavam, tem árvore com mais de vinte metros de altura; três homens grandes não conseguem abraçar seu tronco, de tão larga que é. O cacho de arroz dá mais de

palmo. O milho é tão grande que não precisa de quarenta espigas para encher um jacá. Tem mamão que pesa mais de quinze quilos. É cada abóbora, que dá gosto de ver.”

Vem-vai-vem-fica

Dois anos após o casamento, já com dois filhos, juntamente com seus pais e mais oito irmãos, alguns casados, no ano de 1968, decidem conhecer a nova fronteira agrícola. Para seu Juca, como ficou conhecido, esse novo espaço representava a possibilidade de uma vida melhor. Mas, esta viagem não foi só da família Silva. Vieram várias outras; eram três caminhões para transportar as pessoas e mais dois trazendo ‘as traíás de casa’ e as ferramentas para a lida. “Foram oito dias em cima de pau-de-arara, parando para comer, beber, tomar banho, ‘fazer as necessidades’ e descansar. Cada família preparava sua comida. O caminho pelo

qual nos trouxeram passou por Diamantino, Nortelândia, Arenópolis e por Santo Afonso para chegar até aqui. Aquele trecho era tudo chão. Não subimos a Serra Tapirapuã. Nenhum palmo de asfalto. Viemos com a cara e a coragem.”

A família não ficou confortável com a pouca estrutura e tudo por fazer. Decidiu voltar no mesmo rastro. Chegando a Boa Esperança – ES, aquele lugar já não mais parecia tão acolhedor quando antes da partida. Refizeram o caminho e aqui, a cinquenta e um anos, passaram por privações e necessidades; criaram raízes; promoveram cultura; amansaram mato e gado; domaram equinos e muares; venderam leite; fizeram cercas; cultivaram arroz, feijão, café, amendoim. Criaram galinhas e porcos. Fizeram queijo. Dos seis filhos, quatro nasceram em solo tangaraense.



José Gerson da Silva

Os trabalhos iniciais, a malária e a emancipação de Tangará

Quando da chegada em definitivo nesta terra, ficaram acampados onde, hoje, é a escola estadual 13 de Maio, perto do bosque Municipal e do Módulo Esportivo. Ali permaneceram por menos de trinta dias. Segundo seu Juca, a primeira colocação foi nas terras de Zé Muniz. “Onde, hoje, é a Unidade Mista, tinha um pedaço de terra que ia até ao Córrego São Pedro. Lá, trabalhamos mais ou menos dois anos, roçando, derrubando, queimando, carpindo, fazendo cerca, plantando, colhendo e dividindo a safra com o patrão. Também, criamos galinhas e porcos para o nosso consumo.”

Conforme o entrevistado, entre os anos de 1970 e 1972, também conhecido como período malária, trabalhou na propriedade do Zé Pernambuco. “Essa foi a primeira terra que encontramos aberta. Não precisamos derrubar mato para tocar lavoura,” relatou seu Juca.

“Nessa época, muita gente da nossa família ficou com

maleita... eu acho que era... tinha gente que dizia que não era; que era outra coisa. Mas, a verdade é que morreu muita gente. Tinha dia que enterravam mais de dez pessoas ceifadas por essa doença. Todo mundo tinha medo de morrer. Diziam que macaco arrancava o botão da camisa das pessoas, achando que era comprimido. Acho que Deus ouviu minhas preces: da minha família, não morreu ninguém.”

Entre 1972 e 1974, trabalhou nas terras do seu Eurípedes, da Casa da Lavoura, cultivando grãos, criando animais de pequeno porte e mexendo com gado leiteiro.

Seu Juca afirmou que a família Barbosa – Amando e Thais – atuou fortemente no atendimento e no encaminhamento dos doentes que precisavam de cuidados médicos. “Nessa época, ele era vice-prefeito de Barra do Bugres e ele foi prefeito por um tempo. Então, muita gente foi salva, graças a ele e a Dona Thais.”

A urbanização do lavrador

Doenças que vem com o tempo, conforme declarou seu Juca, o fez deixar quase trinta e cinco anos dedicados ao cultivo do solo, da lida com gado e do adestramento de equinos e muares. Na década de noventa, muda-se para a Vila Esmeralda. Já aposentado como trabalhador rural, na cidade, dedicou parte de seu tempo a cuidar de chácaras, de algumas propriedades urbanas. Foi guarda noturno. Mas, a sua principal ocupação, por mais de dez anos, foi a de carroceiro. Dai, o binômio ‘Juca Carroceiro’. “Enquanto a saúde ajudava, comigo não tinha tempo ruim. Aqui, na cidade ou lá na roça, a gente acordava primeiro que o sol e trabalhava enquanto tinha serviço. Foram poucos os dias que eu cheguei em casa antes do sol se pôr. Era sempre antes e depois do sol,” relata, orgulhoso da sua condição de trabalhador.

Realizações, ensinamentos e aprendizados

De suas realizações e contribuições pessoais, aliadas à religiosidade, destaca o fato de ter ajudado a carregar caminhões com cascalho, que serviram para aterrar as fundações da Igreja Matriz. “A gente ia na beira do Sepotuba buscar cascalho para aterrar a igreja. Naquela época, a gente enchia os caminhões com as pás. Não tínhamos pá carregadeira. Nem todos os caminhões eram basculantes. Os basculantes, para descarregar, era fácil. Os de carroceria de madeira, todo o serviço de descarrego das pedras era na pá, no enxadão e na enxada. Foi um trabalho muito gratificante,” relatou o entrevistado. A atual Igreja Matriz – Nossa Senhora Aparecida – foi inaugurada em 1979.

Conforme seu Juca, “as coisas que são da gente, são da gente. Eu conto para você e para quem quiser, eu nunca precisei pegar nada de ninguém. Aprendi com meus pais. Ensinei para os meus filhos. Pois, conforme

papai me ensinou, onde a gente vai, o nome da gente chega primeiro.” Graças a estes princípios, reitera o entrevistado, todas as pessoas para quem trabalhou olham com respeito e admiração, pois, relata: “o combinado não é caro. O respeito às pessoas não custa nada.”

Dos seis filhos, quatorze netos e quatro bisnetos, aprendeu, desde cedo, a viver de seu suor, a zelar pelo seu nome e a respeitar as pessoas. “Já escutei conselho de tudo quanto é tipo. Conselho bom. Conselho ruim. Só aceitei aqueles que não envergonhariam a minha família e nem manchariam o meu nome,” relatou.

Seu Juca permanece anônimo, à margem da história da cidade, do município que ajudou a construir. Segundo ele, “fiz muito por esta terra. Esta terra me deu muita alegria. Só não tenho muita coisa de valor. Mas, os valores que ensinei, meus filhos carregam até hoje e ensinam para os filhos deles.”